

Narração

(0:38) Há um olhar que sabe discernir o certo do errado e o errado do certo. Há um olhar que observa quando a obediência significa desrespeito e quando a desobediência significa respeito. Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos. Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existam fidelidades perversas e traições de grande lealdade. Este é o olhar da alma.

(02:02) Alma Imoral nasce no período que eu lia sobre psicologia evolucionista, que aponta a moral como instrumento importante para a preservação da espécie humana. E eu pensei o contrário, o que acontece quando esse corpo moral se torna estreito? Quando ele se faz um obstáculo na nossa espécie, como se dá esse processo imoral? De transcendência, de transgressão, para que essas fronteiras sejam ampliadas. Esta série é sobre as almas imorais, pessoas do nosso tempo, que da minha tribo e ao mesmo tempo com uma dimensão universal, representam esses esforços, por expandir as fronteiras da nossa consciência e produzir a possibilidade de um futuro melhor.

(02:53) Eu busquei personagens que contenham esta tensão tão especial para o ser humano, que está presente nas tradições e ao mesmo tempo na demanda do futuro. São histórias em várias áreas da vida, das artes, das ciências, da religião, da sexualidade, salvaguarda os valores do passado e tem compromisso inquestionável com o futuro. Suas falas, carregam a chave para a evolução do ser humano.

Narração

(03:31) Natali Cohen é uma artista anarquista e internacionalista, que manifesta seu protesto através de monólogos. As performances perturbadoras da atriz, levaram as autoridades a proibir que usasse a internet e teve seus computadores confiscados por meses.

Natali Cohen

(03:58) Meus monólogos, o meu monólogo sobre uma adolescente que foi estuprada por um soldado, vemos pelo olhar dessas adolescentes que pensam que soldados são como anjos, mesmo que ele a tenha estuprado, então ok, ela disse “eu não preciso reclamar, eu preciso mandar uma mensagem para ele e preciso dizer para usar camisinha”. Geralmente eu sempre prolongo meus monólogos com bastante humor.

(04:52) “Olá, lobos, que armas grandes vocês têm. E que muro alto vocês têm! Como eu vou conseguir chegar até a casa da minha avozinha doente?”

(05:06) Outro idioma

(05:11) “E multivitaminas, então vocês terão força para construir outra barreira na estrada. Eu também trouxe alguns laxantes para ajudarem vocês a cagarem nas gavetas das crianças ‘sem querer’. E atirar gás para vocês tiraram a liberdade de expressão de todas as demonstrações”

(05:28) Eu prefiro morrer do que passar a minha vida calada e não fazer as coisas, porque a polícia tenta me intimidar, mas eles não podem ser intimidados pela polícia, eles precisam ser intimidados por mim. E eles têm medo, é por isso que eles vem atrás de mim para me prender, eles têm medo de pessoas como eu.

Narração

(06:20) Para o texto bíblico, a linhagem feminina é que tem o protagonismo na traição.

(07:01) Do outro lado dessa descendência está Tamar, viúva de um dos filhos de Judá, ela reivindica um herdeiro para dar continuidade a semente. De acordo com a tradição, poderia engravidar de um dos 3 cunhados, mas não consegue. Anos depois, disfarçada de prostituta, engravida do sogro. Nesta relação, gerações adiante, aparecerá Boás, que juntamente com Ruth, formaram a linhagem do rei Davi. Mesmo na história de Ruth e Boás, há descumprimento da lei. O resgate da viuvez de Ruth, bem mais jovem que Boás, não acontece por quem teria esta responsabilidade, é Boás, bem mais velho, que o faz sinalizando aspectos incestuosos desta solução. As filhas de Lotte, Tamar e Ruth, são responsáveis pela a geração deste filho messiânico, nascido não das convenções da lei, mas de sua transgressão.

Narração

(08:16) Nascido na Bielorrússia, foi morar em Israel nos anos 90, o coreógrafo estuda a forma como as questões políticas e sociais afetam o corpo físico.

Arkadi Zaides

(08:35) Meu primeiro encontro com o material ... foi através das redes sociais, era um vídeo de um menino que estava bêbado durante uma celebração, chuta violentamente a porta de uma casa palestina. Eu estava meio que estupefato com esta cena e me questionado o que levava o menino a um ato violento desses fisicamente. Isso foi antes também de começar a trabalhar com colaboradores palestinos que vivem dentro de Israel. Em minhas produções, é a primeira vez que eu mostro o que está acontecendo nos territórios ocupados, levantando questões relacionadas sobre a residência da ocupação em Deir el-Balah, o que eles veem, quais os problemas, especialmente nesses locais em que a fronteira está realmente sendo negociada. Deir el-Balah está clamando seu território.

(09:44) Este trabalho em especial, que usa de materiais de organizações para expor os abusos contra os palestinos, é claro que esta organização é criticada por pessoas que não querem saber deste tipo de informação sendo exposta. Através deste trabalho, eu lido com pessoas que querem tirar o apoio financeiro do governo e fazer com que eu não me apresente em alguns lugares de Israel, até mesmo quando eu me apresento fora do país. A ideia deste projeto é fazer com que as pessoas assistam com uma outra cabeça porque nós estamos assistindo estas atrocidades no nosso dia a dia praticamente, as vezes muito mais violência do que a que eu mostro com meu trabalho. Mas, através desta proposta podemos pensar com um outro olhar de espectador.

Narração

(11:03) A cantora Mira Awad, transgride ao se definir como palestina e israelense, sabotando a ordem estabelecida. Recebe críticas e tem fãs dos dois lados do conflito.

Mira Awad

(11:42) Eu cresci na Palestina, ao norte de Israel, meu pai é palestino e minha mãe é da Bulgária, eles se conheceram quando meu pai foi a Bulgária estudar medicina, então eu cresci num povoado palestino, mas em uma família misturada. Então a afiliação é bem mais palestina, mas meu pai é uma pessoa de esquerda muito liberal, nossa casa então sempre recebeu seus amigos, muitos deles judeus, muitos tipos de línguas entraram na minha casa. Embora fosse rodeada mais pela cultura palestina, mas nós tínhamos vizinhos e a vizinhança em si tinha muitos hebreus, então nós sempre tivemos esta conexão em um ambiente maior. Eu não me encontrei com algo específico até sair da casa dos meus pais, eu saí quando eu tinha 18 anos, entrei para a faculdade em Rafah.

(12:48) Rafah é uma cidade misturada, ambos judeus e árabes vivem lá, e eu acho que só quando eu estava na faculdade que eu vi que tinha que me definir, porque quando você cresce em um povoado palestino, você não acorda de manhã e pensa “oh, eu sou palestina”, você apenas é o que você é e as pessoas ao seu redor são a mesma coisa, você não tem que lidar muito com isso. Mas quando eu entrei para a universidade, eu comecei a sentir que eu era a árabe que estava no meio, então minha identidade de repente bateu na minha cara e eu tinha que moldar as minhas definições rapidamente, muito rápido para se deparar com questões, curiosidade, suspeitas às vezes, porque eu era árabe e eles não.

(13:52) Na verdade, quando eu penso sobre isso, sobre me identificar, vieram por causa deste cerco, eu nunca tive aquela paixão de sentar e me identificar, eu sou uma pessoa, sou um ser humano, sou uma mulher, sou uma artista, e aí vem os palestinos e os israelenses para te definir. Eu quero que as pessoas vejam minha arte por ser arte e não porque eu sou uma palestina vivendo em Israel. No começo parecia um fardo e eu não queria esse fardo, era demais para lidar. Eu abracei essas complexidades ao invés de fugir delas, e eu acho que tudo que eu faço tem a ver com essa complexidade e eu jogo com isso, eu escolhi jogar com isso, eu penso “Ok, esta é minha história, quem é melhor para contar essa história do que eu? Ninguém”.

(15:37) Essas identidades e essas convivências, elas estraçalham muito, é um lugar muito conflituoso. Se eu quiser explicar como eu vejo o mundo, acho que é o que estamos falando, esquecer minha origem, minha religião, abandonando ou esquecendo esse lado palestino, e do jeito que eu vejo, eu não abandonei meus caminhos, muito pelo contrário, a raça humana é como uma ferramenta, você é um homem que acredita em Deus, certo? Bom, eu não acredito em Deus, então perdoe as minhas metáforas que não vão vir de Adão e Eva, então a raça homo sapiens criou o mundo e então a raça humana começou a crescer e começou a crescer em categorias, em grupos, em tribos, todas estas pessoas por aí e em algum momento a gente inventou algo chamado de fronteira e nos tornamos nações, temos algo chamado nacionalidade, nós inventamos a religião, é o jeito que eu vejo, me desculpe novamente, nós inventamos a religião para colocar alguma ordem no mundo e nos tornamos escravos disso.

(17:05) E agora tem essa grande árvore com vários galhos, são maravilhosos, claro, mas todos esses galhos cheio de setores diferentes. E o que nós estamos fazendo agora é que cada um desses galhos, apenas olhar para o próprio braço, você não pode querer cuidar de uma árvore apenas pelos galhos dela, ela irá morrer, e este é o que acontece agora, se você falar sobre palestinos e israelenses, cada um apenas quer cuidar dos seus próprios, mas do jeito que eu vejo, você não pode querer cuidar de ninguém se você não olha para um todo, vamos todos morrer se não tomar conta um dos outros.

Narração

(18:42) Cada vez que fazemos o esperado, forçamos um padrão humano automático de torpor, existe em nós uma tendência de querer agradar a nós, os outros e a moral de nossa cultura, nisso, vamos gradativamente nos perdendo de nós mesmo. O despertar é a capacidade de perceber situações horríveis de nossas vidas, tanto no plano particular, como no social e cultural, deste horror surge uma nova forma de ser, uma nova forma de família, uma nova forma de propriedade, uma nova forma de tradição.

(19:21) Aquele que não faz uso de todo o potencial de sua vida, de alguma maneira diminui o potencial de todos os demais.

Narração

(19:38) Filhos de sobreviventes do Holocausto, Jack Gabriel chega aos Estados Unidos ainda jovem, seus pais querem que ele seja rabino, ele sonha em ser o Bob Dylan. Nos anos 80, faz o caminho de volta para a tradição.

Jack Gabriel

(20:11) Julie era uma rabina lésbica, ela estava bem fora do armário quando as mulheres começaram a tomar espaço. Elas me convidaram para a casa delas e disseram “ah você não precisa dirigir por 3 horas para voltar, pode dormir aqui” e eu fiz isso algumas vezes e lá pala 34 vez, elas disseram “nós temos uma pergunta para te fazer, sente-se. A pergunta é: você se importaria de doar seu sêmen para nós? Julie e eu queremos ter um filho” e você não é abordado por essa pergunta sempre, até pensa “nossa, pergunta interessante”, mas...

Pergunta

(20:51) Quão próximo você era delas?

Jack Gabriel

(20:54) Eu não era próximo delas nem um pouco, de nenhuma das duas, mas eu as conhecia através de um amigo meu, Zalman. Então eu disse “Ok, o que isto significa?” e Julie me respondeu “Bom, isso significa que nós tentamos com estes semens congelados do banco de esperma, mas eu acho que nós precisamos que venha de uma pessoa fresca” eu disse “bom...” daí eu pensei a respeito e disse ok e comecei a rir porque elas disseram “Você sabe quantos caras já nos perguntaram, que estão dispostos a transarem com qualquer pessoa, mas Deus proíbe de ter um filho desse tipo de relação e estão na defensiva do por favor, não toca

no meu esperma.” e eu fui a primeira pessoa a dizer sim para elas, e aí o que aconteceu foi que elas disseram “não há garantias de que isso funcione” e eu disse “sim, sim”, então eu fui para um quarto privado.

Pergunta

(21:38) A ideia era que você seria pai da criança?

Jack Gabriel

(21:42) Eu não seria pai, ela tinha um contrato e ela disse “eu vou te pagar para isso” e eu respondi “você não precisa me pagar para isso” e ela insistiu “não, eu quero pagar, quero que seja algo contratual” e o contrato diz que a criança não é minha. Então Ralph Greenberg nasceu um ano depois, e tempos depois ela me perguntou novamente e eu fiquei meio “ah, não sei”, mas ok, ela era uma boa mãe, uma mulher muito talentosa, mas ela era solteira, ela estava criando sozinha, então de novo eu disse “não sei se vai funcionar” e novamente ela ficou grávida e 9 meses depois nasceu a Zoe Greenberg, duas crianças maravilhosas, inteligentes, amigáveis, carinhosas porque estavam sendo criados em um lar de muito amor. Julie veio até mim outra vez e eu disse “não posso mais fazer isso, carnicamente dois para mim já foi bastante. Eu sei que você é uma mãe maravilhosa, mas 3 não dá” e aí ela disse “não, tudo bem, eu vou lidar com isso” e o que ela fez foi lindo. Ela foi até a Guatemala e adotou 2 crianças, então hoje ela tem 5 filhos. Por que 5? Não creio que seja algo cabalístico, eu acho que é porque ela cresceu tendo 5 irmãs e sua mãe tem 5 irmãs, então eu acho que o número 5 está inconscientemente na sua cabeça. Ela tem 5 filhos e isto é quase uma história de um milagre porque ela usa a comunidade, cheia de novos rabinos, ela usa esta comunidade para construir modelos de homens para eles, criando amigos e algumas pessoas acabaram pegando algumas responsabilidades porque ela não pode fazer tudo sozinha, aquela história de que precisa de todo o povoado para criar uma criança é verdade no caso dela, pois ela tem 5. Ela também vai muito ao centro da cidade e faz casamentos, ela faz casamentos lgfts, ela está aberta para isso.

Pergunta

(24:33) Professora de canto judaico baseado nos textos sagrados, Shefa Gold sempre foi contestadora. Hoje ela incorpora tradições espirituais budistas, cristãs, islâmicas e dos índios americanos como uma ponte para a devoção.

Shefa Gold

(24:54) Eu acho que quando você fala sobre quebra, há algo que eu vivenciei em 1987. Eu tive um acidente de carro, ele foi atingido por trás por um grande caminhão e o carro amassou tanto que eu não conseguia sair, então eu estava esperando dentro do carro para ser levada pelas divindades da vida e o carro se encheu de amor, estava cheio de amor, do amor de Deus, não importava o que acontecesse comigo, era a mão de Deus, mas não eu pedindo aquela mão, era a mão amada de Deus e a mensagem era “isto é o amor”. E eu sabia que eu estava sendo chamada, eu acho que foi alguma experiência xamã, acho que acontece com as pessoas que se tornam curandeiras, precisam se quebrar em algum momento.

(26:05) E eu tive uma visão, da qual eu estava rodeada de mulheres anciãs do deserto, e elas estavam colocando seus roupões sobre mim, elas estavam me chamando para dentro do lugar da qual elas eram e elas disseram para mim “nós precisamos que você leve nossa sabedoria para o mundo” e o que aconteceu foi que o judaísmo nos engoliu, nós estávamos enterradas naquele judaísmo e você não pode chegar nesta sabedoria sem ser através disso, então eu tentei entrar para a Chant e minha entrevista para a Chant foi com um grupo de pessoas sentadas em uma mesa, pessoas tentando entender porque eu estava tão comprometida, eu sabia que este era o meu chamado e eu ia performar e iam me aceitar e eu me lembro de uma pergunta que me fizeram que foi “Como nós vamos saber que você não vai sair daqui e começar sua própria religião?” Geralmente eu ficaria indignada com isso, mas eu fiquei me perguntando “Hum, eu gostaria de saber qual religião seria essa”

(28:20) Eu tinha 16 anos eu saí da escola e comecei minha própria escola com algumas pessoas que também saíram da escola, e nós estávamos fazendo nossa coisa criativa, estávamos criando nosso próprio jeito de nos educarmos. E as pessoas olhavam para gente como se aquilo fosse um ato de rebeldia, mas a experiência dentro disso não era de rebeldia, era criatividade, liberdade e permissão, era só o exterior que olhava e parecia que eu estava me rebelando, eu nunca quis ser rebelde, mas eu quase sempre sou vista desta maneira. De dentro disso apenas diz para ter liberdade, eu estava criando meu rabinato, exatamente do jeito que eu queria que ele fosse, eu não acho que eu estava me rebelando por algo, eu penso que eu estou dando a mentalidade e agora é o meu trabalho de ler e antever o judaísmo.

Narração

(29:36) Criado por pais ateus, Akiva entra em contato com a tradição judaica aos 22 anos, quando a irmã se suicida e o pai decide que é hora do filho ir para Israel. Ele só se reconhece na cultura judaica quando durante um passeio para um vale no deserto, escuta o chamado de Deus.

Akiva

(30:08) Todo ser vivo é um tocadour de tambor, algumas pessoas dizem que eu não tenho ritmo, mas eu acho isso uma besteira, todo mundo já nasce com ritmo, seu coração bate desde o primeiro minuto de vida. Quando isso é sobre rezar, eles falam “por favor, nós não gostamos disso, nós não gostamos de tambor na igreja, na sinagoga, na mesquita.” com todo o respeito, as pessoas sabem melhor, as pessoas querem isso, as pessoas amam, quando você oferece isso elas sempre aceitam. Mas é proibido, eles seguem as regras, e nós temos muitas regras que nem essa. De onde vem essas regras? No nosso entendimento de mundo, elas vieram porque os templos foram destruídos e tinha aquele sentimento de que seríamos exilados, havia um sentimento que deveríamos estar nos lamentando, é por isso que nossas orações são tão elevadas ***canta***, são as mesmas notas musicais.

(31:12) Se Deus tivesse um tambor, qual seria a batida de Deus? ***Você pode sentir, você pode sentir, esta é a batida de Deus. Se você pode sentir, sentir esta batida, batendo bem dentro de você, puxando você para ser você mesmo. Você consegue sentir, sentir a batida de Deus? Sentindo por todo o seu corpo***

(32:01) Um dia eu fui até a sinagoga e disse “sabe, está faltando alguma coisa, a gente tem Jerusalém, a gente tem o muro. Vou trazer meu tambor, vamos ver o que acontece” não perguntei a ninguém porque sabia que se eu perguntasse eles diriam que não. Então eu comecei e eles pareceram ter gostado, eu venho tocando meu tambor nas sinagogas por um bom tempo já e eu fui convidado novamente para Baruch Schen.

Narração

(33:01) Toda lei só legítima se não encerrar com valor maior o compromisso de preservar a si próprio, a legítima lei, pressupõe a possibilidade de até mesmo desobediência, uma forma de cumpri-la. A lei que não deixa em aberto a possibilidade de execução justamente pela sua desobediência, é uma arbitrariedade. Transgredir conhecendo e respeitando a lei, é até hoje um instrumento essencial na formação de caráter, os patriarcas se fazem os guardiões do passado, não para glorificá-lo, mas para apontar quando este deveria se submeter ao futuro. Os pais não ensinam só a lei, mas também quando elas devem ser violadas.

Narração

(33:50) Jared Kass, usa a ciência para levar jovens adultos a desenvolver a resistência psicológica e habilidades de construção de comunidades inclusivas.

Jared Kass

(34:07) Maimônides certamente é conhecida como o grande racionalista, não só escritor da mishenatória, mas também como a pessoa que tenta pegar a filosofia e ciência grega para guiar o judaísmo com maior apreciação da ciência. Mas ele veio a ser conhecido como uma pessoa que estava apenas interessada no racionalismo quando na verdade o que tem muito no texto é um contemplar da mente, um contemplar da praticidade e ele faz umas ótimas discussões sobre profetas e como este conceito de profeta foi alcançado e a contemplação deste conceito está de fato incutido em todos os seres humanos e disponível para todos os seres humanos. Mas isso leva desenvolvimento espiritual, ele fala sobre o desenvolvimento da moral que é necessário, o jeito que a pessoa precisa se tornar alguém disciplinado e com força, uma pessoa que possa viver saudável e ter uma vida altruísta, quem consegue se desenvolver psicologicamente e internamente, então os vícios da mente não estarão mais interferindo em seu comportamento, porque quando os vícios interferem no nosso comportamento nós nos machucamos ou machucamos alguém e achamos que aquilo é justificável, não pensamos quão viciosos nós somos, então ele tem uma discussão maravilhosa sobre o mal que o ser humano causa e o mal básico que ele exemplifica é pelo fato de sermos ignorantes na nossa relação com o divino, porque nós perdemos o toque da nossa relação com o divino.

(36:25) Ele olha para os níveis de desenvolvimento psíquico espiritual e se segura no pensamento de que se você é alguém que segue Al-halah sem entender seu significado profundo, ok, é bom ter esta disciplina, ele respeita esta disciplina, mas há níveis de entendimento e bem ali no topo do entendimento, ele clama a ciência e os cientistas e ele começa um movimento com os judeus que diz “nós não deveríamos estar em guerra com a ciência, nós deveríamos estar incorporando o que está acontecendo no conhecimento da

ciência e sempre deixar a ciência ajudar a encontrar nossos entendimentos” e ele chega até dizer “então o que acontece se descobrirmos que a evolução das espécies nos ensina algo novo sobre o nosso passado, presente ou futuro?” essas são coisas que precisam ser entendidas, mas para continuar com o coração judaico, para continuar com o coração para entender o bem interior está aqui sempre criando novos entendimentos, sempre criando novos desenvolvimentos. Eu realmente acho que ele fez parte do movimento.

(37:36) Maimônides viveu na cultura muçulmana, ele era médico do Salah Aldin no Cairo, e ao mesmo tempo ele era líder da comunidade judia e ele era uma pessoa muito brilhante e inteligente que estava incorporando toda a sabedoria dos gregos antigos através da filosofia dos hebreus e ao mesmo tempo tentando entender o contemplamento da prática. Maimônides fala sobre Shamah e a importância de do Shamah como uma forma de meditação sem distrações, ele fala “Deus está próximo de quem o chama com verdade e sem distrações” então nós praticamos.

(39:56) Nascido em uma família judaica, foi reconhecido como reencarnação de um mestre budista tibetano, a família resiste aceitar que se torne monge. Michel fez a transição para se tornar Lama Michel Rinpoche.

Lama Michel Rinpoche

(40:37) De sol a sol, a noite ou meio-dia possam as três jóias conceder nos bênçãos, possam as três jóias ajudar nos alcançar todas as realizações, possam as três jóias espalhar muitos sinais auspiciosos no caminho de nossas vidas. Obrigado.

(40:56) Quando na verdade eu escolhi de ir para a Índia, de me tornar um monge, seguir esse caminho, foi uma coisa que para mim sempre fez sentido, na verdade não foi um processo de um dia para o outro, eu sou uma pessoa que quando tomo uma decisão ela é lenta, quem está fora e vê parece que foi de repente, mas para mim eu processo bastante. Então na verdade essa decisão demorou uns dois anos, talvez foi por volta dos 10, começou por volta dos 10 anos e ela se concluiu nos 12, mas para as pessoas que estão a minha volta, especialmente para os meus avós, foi um choque, foi o momento que eu falei “Não, eu quero”, a vida que eu tinha aqui não fazia sentido, não tinha nada a ver com a religião em si, nunca foi algo em relação a “não, a religião judaica eu não quero” algo assim, nunca foi isso, mas foi o fato que eu sentia que a vida que tava tendo aqui não tinha sentido, eu me perguntava “o que eu estou fazendo? Estou estudando matemática, geografia, inglês, português, ciências, etc, para que?” e a única resposta que eu encontrei na época foi “tudo isso vai me servir para ir bem na universidade, me formar, se tudo der certo conseguir um trabalho que eu goste e ganhe bem” e eu olhava a minha volta e via muita gente que o dinheiro faltava, tinham uma ótima educação e tudo, mas onde que estavam felizes de verdade?

(42:21) O que me tocou mais foi meu mestre Lama Ganti, cada vez que eu encontrava ele, eu sempre via uma pessoa satisfeita, equilibrada, feliz. Uma vez até me perguntaram “por que você se tornou um lama budista e não um rabino?” e eu falei “a razão é que a pessoa que eu encontrei e que me tocou o coração e que me mostrou a possibilidade de ser feliz foi lama

tibetano”. E aí depois disso eu fui para um monastério, mas meus avós eram uma coisa complicada naquele momento, não só pelo budismo em si, mas o que vai acontecer com aquele menino de 12 anos que vai morar na Índia? Então aquele encontro foi importante porque eu senti com você ao mesmo tempo uma sintonia, eu senti “ah muito bem, ele me entende”, eu me senti compreendido e isso diante aos olhos da minha avó foi importante para ela também acreditar naquele momento, com certeza para o meu avô também, para poder sentir que existia essa harmonia, essa compreensão, esse reconhecimento que foi muito importante.

(43:22) Talvez uma das sensações mais fortes que eu tinha, era de estar fazendo aquilo que fazia sentido, isso sempre foi muito forte para mim. Então eu nunca perguntei para ninguém “ah será que isso é a coisa certa? Será que eu tenho que seguir esse caminho?” Foi um processo que eu fui vivendo e cada vez mais, eu aqui no Brasil tinha uma vida ótima, sempre me dei super bem com meus pais, com a minha irmã que eu morava também, com os meus primos, amigos na escola, eu nunca tive problemas aqui, não que a vida que eu tava tendo aqui estava ruim, mas eu me sentia que eu estava em um lugar que não me encaixava bem. Mais do que não me encaixar bem, porque eu me dava bem com todos, não fazia sentido, era uma coisa sobre onde que eu estou indo, esse negócio está meio vazio. E as vezes que eu fui, primeiro fui à Índia quando eu tinha 8 anos, final de 89-90, começo de 90, e depois eu fui para o Tibet em 91, e para mim sempre foi, pode chamar de déjà vu, mas sempre foi aquela sensação de que eu já estava naquele lugar com os monges, sempre fez muito sentido, sempre me senti muito bem, uma coisa que para mim sempre foi muito natural.

(44:33) Então, quando eu voltava para cá, depois dessas ocasiões, era como se tivesse um tipo de uma saudade, não de algo específico, mas daquela sensação de estar fazendo aquilo que é certo. Então isso foi aquilo que mais me levou e nem teve essa possibilidade de ficar pensando no que os outros diziam porque ninguém sabia o que estava acontecendo. Era um processo meu interno, com o que eu estava vivendo. E depois que eu decidi “ah não, eu vou ficar no monastério”, o que me fez refletir um pouco de “nossa, será que eu estou fazendo a coisa certa?” não pela escolha em si, mas porque eu não queria gerar sofrimento para as pessoas que eu amava. Quando eu comecei a ver que minha mãe tinha ficado com hepatite, que meus avós não estavam muito bem com a decisão que eu tomei, etc, isso foi o que me pegou. Eu falei “eu não quero que uma decisão que eu tenha tomado leve sofrimento para outras pessoas em minha volta”, isso é uma coisa coisa que em momento algum, minha mãe ela totalmente me apoiou, sempre, mas ao mesmo tempo não é fácil deixar o próprio filho de 12 anos morar completamente longe, sem nenhuma perspectiva de voltar em tempos breves.

(45:42) Isso foi a única coisa, fora isso foi uma coisa muito mais de sentimento do que racional, então era a sensação de estar fazendo aquilo que faz sentido, que é certo, porque quando eu fui para o monastério, ao mesmo tempo minha vida mudou muito. Eu vivia uma vida super normal, com videogame, televisão, amigos, nunca fui aquele menino que ficava estudando muito, nunca fui assim. E quando chegou no monastério foi exatamente o contrário, o monastério onde eu tava é por volta de 4 mil monges, é uma universidade monástica onde a vida é baseada principalmente na reza e no estudo. Até brinco um pouco que é meio um

exército religioso, tem aquela coisa de disciplina, acordar cedo, etc, etc, mas eu sempre me dei muito bem, então eu consegui de certa forma adaptar, mas o que me fez aceitar coisas que eram bem diferentes, tanto do ponto de vista de vida quanto do ponto de vista social mesmo, uma vida extremamente simples ao mesmo tempo, mas o que sempre me fez aceitar e viver isso com facilidade era a sensação de estar fazendo aquilo que era certo, de estar no lugar certo, acho que isso que me levou a nem me questionar muito, a não abrir tanto espaço para outras coisas.

(46:56) Eu sempre fui uma pessoa bastante racional, continuo sendo hoje, acredito que eu seja uma pessoa muito cética no sentido de que eu não gosto de ficar mistificando as coisas, eu respeito muito para mim aquilo que eu tenho uma compreensão ou aquilo que eu tenho uma experiência. Mas naquela época o que me guiou principalmente era uma sensação, mas que ao mesmo tempo era cada vez que eu observava essa sensação, fazia sentido. Por que por um outro lado o exemplo que eu tinha do outro lado, não era o exemplo que fizesse muito sentido para mim, eu olhava para a vida aqui em São Paulo, para a vida que tinha em minha volta e eu sentia que estava faltando alguma coisa. Eu sempre gostei de conversar com adulto, então eu ficava escutando as conversas dos adultos e em grande parte era reclamação, então eu falei “não, não é isso que eu quero” eu falei “não, tem alguma coisa errada nisso.

Entrevistador

(47:44) Estou lembrando aqui de uma história, uma história hassídica de um mestre hassídico que proíbe o filho de ler um livro, que era um livro que tinha sido censurado pela tradição, e aí tem um incêndio na biblioteca e esse manuscrito é queimado junto com outros livros e ele fica desesperado, porque ele mesmo tinha lido esse livro e ele corre para o filho e fala “você leu? Você leu?” e ele respondeu assim “pai, como é que eu vou ler se você me disse que era proibido?” e ele fica super triste que ele não leu, que ele não fez esse movimento. Então assim, o proibido na história de gênesis ali, Deus ali no sentido daquela trama, do que acontece naquele momento, que é a maneira como o judaísmo fala sobre a consciência humana, naquele lugar, o ingrediente que é jogado na realidade para fermentar essa potencial humana é a proibição.

